



# Várias mãos, uma cultura

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana

## Marcos de Sertânia

4



# Várias mãos, uma cultura

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana

## Marcos de Sertânia

4



## apresentação



Arte popular tem história, tem alma. Por onze anos, eu tive, no Recife, a loja Artesan Brasil. De tudo que havia, as viagens de garimpo era o que eu mais gostava de fazer. Passava horas conversando com os artesãos e artesãs, artistas de suas terras, deixando tarefas importantes pra mais tarde. Eles, em geral, gostavam de mostrar cada detalhe da criação, apaixonados pelo que fazem. Isso traz o especial sentido do seu trabalho.

Quem vive essas experiências se encanta com o assunto, e foi pensando em compartilhar essas descobertas que surgiu a idéia do projeto *Várias mãos uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*. Durante todo o processo, aconteceram inúmeras trocas, iniciando por Camila Bandeira. Juntas, começamos a tecer o fio para criar a nossa rede de pessoas e histórias. Elas foram chegando, se encantando com o assunto e nosso grupo se formou naturalmente. Fomos conduzidos pela empatia e pelo mesmo propósito de honrar esses ícones do artesanato e da arte popular brasileira.

Esses livros foram criados em um ambiente de afeto e de respeito. Transbordam emoção pelas experiências que vivenciamos. Fomos acolhidos pelos artesãos e envolvidos pelo seu carinho e amor. Meu agradecimento de coração e alma a rede que foi e continua sendo tecida: Camila Bandeira, Julia Almeida, Bruno Albertim, Isabela Cunha, Roberto Miranda e Luciana Calheiros, e aos artesãos que nos receberam em suas casas, de coração aberto. Foi uma linda caminhada que me emociona com o resultado desse registro.

Marly Queiroz



## Marcos de Sertânia, um inventor do sertão



O povo não existia. Ou melhor, esse extrato tão impreciso quanto evocado da população, é descoberta recente. Histórica e conceitualmente, uma ideia muitíssimo recente. Professor de história da Universidade de Sussex, Inglaterra, Peter Burke é um historiador fundamental para o entendimento da Idade Moderna, o conjunto de sociedades pré-industriais estruturantes do mundo contemporâneo. Ele lembra, por exemplo, como a descoberta e a definição do povo e do popular se deram justamente no momento de surgimento das nações modernas.

"Foi no final do século 18 e começo do século 19, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o povo (folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e camponeses de certo ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias."

O mesmo, de alguma maneira, aconteceria com o Nordeste. Indefinido e nebuloso no começo do século 20, o Nordeste teria no trabalho de uma série de intelectuais e artistas a produção de narrativas e símbolos fundamentais para o estabelecimento de um imaginário fundante, criador, na subjetividade coletiva, do que seria a região.

Longe desses eruditos e letrados, precisamente na cidade de Sertânia, a áridos 315 quilômetros do Recife, um menino de sítio chamado Marcos Paulo Lau da Costa, nascido em 1974, seria também, mesmo que não de todo planejado, responsável por fixar, no Nordeste, uma imagem geral que se tem do Sertão. Usando apenas um senso agudo de observação da realidade ao redor, e um jeito muito peculiar de fixar na madeira tudo o que apreendia.

O Nordeste é fruto de sua cultura popular. A região, lembremos, ainda não "existia" no começo do século 20 – quando o País, genericamente, era dividido apenas entre Norte e Sul.



O Nordeste passaria a ser definido a partir dos (mal) humores do clima. O clima violento (des) nutrido pelo descaso político criava uma série de tipos sociais de fácil entendimento e estereotipação. O romance *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, seria pedra basilar do entendimento dessa geografia específica da nação. Apenas em 1920, haveria a separação política entre as regiões Norte e Nordeste. Nessa mesma época, nas páginas do Diário de Pernambuco, o sociólogo Gilberto Freyre começa a se pronunciar como o grande demarcador ideológico do

Nordeste. Escreve uma série de artigos sobre o que chama, intencionalmente, de pensamento tradicionalista e regionalista. Assim, uma série de símbolos de leitura mais imediata e estereótipos são articulados para a demarcação ideológica do que seria, essencialmente, o Nordeste.

O Nordeste que se cria imageticamente é uma região presente, sobretudo, na memória filtrada pela imaginação: artistas e intelectuais como o próprio Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e Luiz



emergia com quadros de expressão muscularmente cubista ou surrealista sobre a poética antropológica nordestina. A cerâmica popular alimentaria sua pintura erudita.

Em Caruaru, Vitalino, Zé Caboclo, Ernestina e Manuel Eudócio, os pioneiros da escola da cerâmica popular do Alto do Moura, contribuíram para a formatação de uma pintura moderna em Pernambuco – e, por tabela, para a construção de uma identidade demarcada. No Sertão, a prática de transformação do barro e também da madeira em cenas, tipos e bichos do cotidiano seriam também fundamentais para a criação dessa ideia de Nordeste.

Nascido numa família de agricultores numa localidade rural chamada Pau do Arco, hoje incorporada à urbanização progressiva da cidade rumo ao campo, na primeira metade da década de 1970, ano de 1974, filho de seu Severino com dona Maria José Lau, Marcos teve em casa os primeiros contatos com a prática escultórica. Além de utensílios para uso doméstico, a família imprimia

Gonzaga, dentre tantos outros, foram responsáveis pela construção poética de símbolos e oralidades capazes de materializar a ideia que se teria do Nordeste a partir do final da primeira metade do século 20.

Lula Cardoso Ayres, um recifense filho da aristocracia canavieira, ia se alimentando pastorilmente na cerâmica do Alto do Moura. Como um etnógrafo a satisfazer o projeto ideográfico de Freyre, incorria pelos xangôs do Recife, pelos terreiros de bumba-meu-boi e outras arenas da cultura popular. Deles,



**Fotografia colorida atual de Marcos. Ele é pardo, tem cabelos e barba curta grisalhos. Usa óculos e camisa de botão estampada, nas cores vermelha, laranja e branca. Está sentado, olhando para uma peça comprida, de madeira clara, que ele está moldando enquanto raspa. Uma fina fita da madeira desbastada pende.**



na madeira também pequenas figuras de bois e outros animais de pastoreio para venda na feira local. Aos 12 anos, o menino já alternava a lida na enxada das roças com pequenas esculturas em madeira.

Um dos avós fabricava utensílios. Quatro de seus tios maternos, Samuel, Jonas, Jeová e Damião, todos de sobrenome Lau, dedicavam-se a configurar em pedaços maleáveis de madeira animais do cotidiano, cavalos, cabras e outros bichos costumeiros. Observador de outros aspectos

da realidade ao redor, tão objetivos como subjetivos, Marcos começou a atuar como uma espécie de cronista da madeira. “A maior parte da minha vida, eu morei em sítios e fazendas. Tanto a minha mãe como meu pai, a gente trabalhava no campo, cuidando de animais e da lavoura. Eu gravei na memória muitas figuras interessantes. E achava bonita a figura do homem, mesmo na pobreza, a magreza, o jeito de se comportar, de se vestir. Queria passar isso para as figuras”.





Marcos viveu a primeira infância num sítio antes afastado e hoje já incorporado a paisagem da cidade onde urbano e rural se misturam.

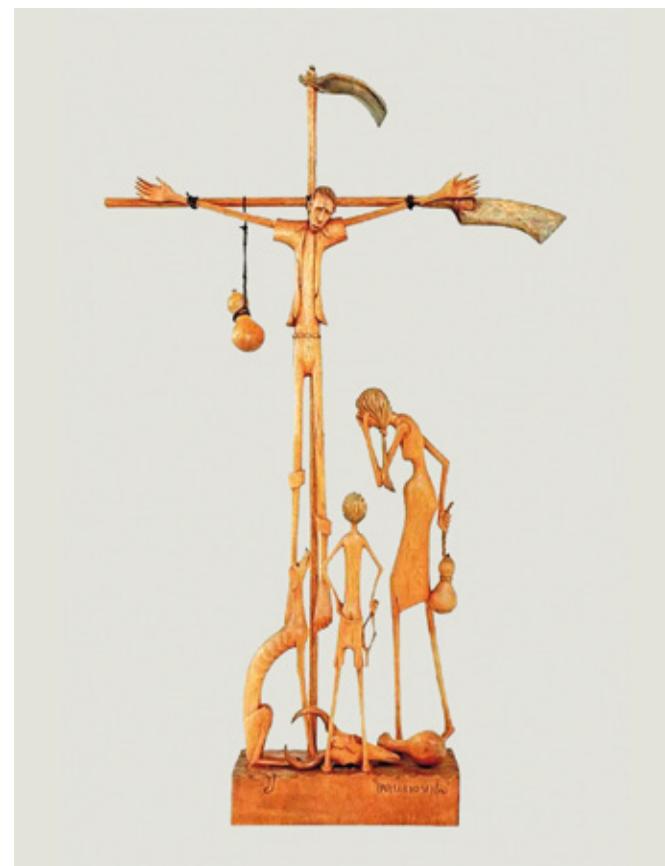
No começo, ajudava a montar as peças como os carros-de-boi do tio Jonas. Ganhando autoconfiança, curioso, mexia, meio que escondido, nas facas dos tios para retalhar pedaços de madeira por conta e imaginação próprias. Ainda morador de sítio, se revezava nas casas dos tios na cidade, para poder frequentar a casa do tio onde, na curva dos 14 para os 15 anos, arrumou trabalho numa gráfica tipográfica. Com goivas e madeira à disposição, começou a experimentar a xilogravura. Por influência de um estimado professor de artes chamado Zito, aos 17, ilustrou uma

coletânea de poetas repentistas da cidade. “Zito desenhava, e eu transportava os desenhos para a madeira.”

Um dia, Samuel, outro tio, lhe propôs fazer um homem carregando água e uma mulher segurando uma criança de colo. Não eram personagens imaginados, mas vividos:

“Minha mãe também buscava água na cacimba”.

Aos 12 anos, Marcos imitava as peças dos tios. Pouco depois, de tom crítico



e profundamente observador, passaria a dramatizar as agruras do semiárido seco em figuras humanas longilíneas, alongadas. Não apenas para teatralizar escultoricamente o sofrimento, mas, como sempre sublinha, para imprimir leveza às peças por ele assinadas.

Na madeira, as figuras performam sentimentos angustiados e fervorosos.

“Gosto sim de fazer essas figuras mais tristes que via quando era criança. Hoje, ainda existe a miséria, mas é menor.”

Seus personagens trazem homens e mulheres de troncos, braços e pernas desproporcionalmente alongados em gestos de clamor, desespero ou lamento. “Desde o começo, as peças saíam assim alongadas. Quando eu mostrava, todo mundo dizia que tava errado, deformado”.

Sertânia, na época, era um importante polo caprícola. O menino era consultado para esculpir na madeira os troféus reproduzindo os animais nos certames e concursos para eleição dos melhores reprodutores ou cabras leiteiras. “Eu tentava me adaptar a esse padrão mais comercial, mas simplesmente não conseguia. Meu traço sempre se espalhava”. As encomendas para esculturas de cabras e bodes terminavam, por fim, invariavelmente devolvidas.

A maioria dos 18 anos lhe trouxe personalidade e autoconfiança. “Resolvi assumir isso como característica.” Das mãos de Marcos, saíam, a partir dali de forma intencional, alongadas, longilíneas, expressionistas nos gestos, conjuntos e personagens



**Fotografia de uma escultura em madeira clara de um cavalo muito magro, de perfil para a direita. Ele tem a crina, o rabo e os cascos em marrom escuro. As pernas são extremamente longas e finas. A pata esquerda da frente está flexionada. A peça está sobre uma mureta de pedra de uma jardineira que tem plantas como espadas de São Jorge e cactáceas.**

de famílias de retirantes: o homem, a mulher, duas crianças e o indefectível cachorro magricela e imigrante atrás da parentela desassistida.

Figura animal, aliás, celebrizada pela literatura de outro nordestino, o alagoano Graciliano Ramos que, com seu *Vidas secas*, deu ao Brasil a imagética definitiva de um Nordeste em eterna purgação pelo sol inclemente. No romance publicado em 1938, o clima e a miséria vão animalizando a família de retirantes em direção ao litoral, acompanhados da presença fiel de uma cachorra, humanizada e esquelética, de nome Baleia.

“O sertanejo gosta muito de cachorro, como se fosse o mais fiel dos amigos. São muito íntimos, o cachorro e o homem. Gosto de botar os cachorros nas minhas peças porque ele tem a chance de sobreviver, de caçar, de buscar comida no mato. E como eu gosto de fazer minhas figuras magras, eu deixo ele bem magro mesmo, um vira-latas, quase um esqueleto”.

De sucesso imediato, a escultura da cachorra seria logo associada, por público e crítica, à Baleia de Graciliano Ramos. “Essa configuração veio da minha cabeça. Não foi do livro de Graciliano. Eu fiz esse cachorro do que via no cotidiano. Eu, meu pai, minha mãe, meu irmão, e o cachorro que vivia sempre na porta do sítio”. O artista, portanto, não tinha lido – e jamais leria – o clássico da obra graciliana que lhe daria projeção definitiva e rebatizaria seu nome para Marcos de Sertânia. “Só muito tempo depois, eu vi o filme, que é uma síntese do livro. A família sofrendo nesse trajeto. Pelo que vi, a personagem mais humanizada da história é justamente a cachorra. Eu já fazia essas famílias e também o cachorro sem conhecer o livro. Antes, nos anos 50 ou 60, não tinha ônibus, a maneira de se viajar era andando”, ele gosta de dizer. “Como mais de 90% das pessoas que viam comprar a peça chamavam a cachorra de ‘baleia’, eu resolvi assumir o nome”.





Na casa dos tios, Marcos se hospedava para poder estudar na cidade. E com eles começou a experimentar o ofício.

Com o segundo grau concluído, Marcos não tinha perspectiva de conseguir se mudar para cursar uma faculdade no Recife. “Não tinha condições, passei dois anos sem levar caderno pra escola, porque não tinha como comprar. Usava só os borrões da gráfica que eu trabalhava para anotar as aulas”.

Nos anos 90, Sertânia sofria muito ainda com os círculos da seca. Sem perspectiva de emprego formal e carreira, o adolescente começou a vender seus conjuntos de retirantes, humanos e cachorros num bar famoso da

cidade. Depois de uma venda inusitada para um grande lojista do Recife, suas peças foram solicitadas por representantes da Cruzada de Ação Social de Pernambuco para serem expostas nos eventos do Ano do Brasil na França, em 2005. Depois, um convite para a Feira Nacional de Negócios do Artesanato, a Fenearte e, numa espécie de moto-contínuo de convites e encomendas, confirmando a força que as coisas parecem ter quando precisam acontecer, feiras e eventos pelo Recife e resto do Brasil.





Fotografia colorida de uma canoa de madeira com um assento na popa e outro no centro. Na proa, escultura de um cachorro magro olhando para baixo, visto até à altura do peito. Ele tem focinho longo e orelhas baixas e arredondadas. O casco da canoa está descascado, com manchas pretas na frente e resto de tinta vermelha nas laterais.





Marcos Lau, a partir dali se tornava efetivamente, Marcos de Sertânia. “Há 15 anos, eu não tinha uma bicicleta. Hoje é diferente”.

Consagrado, Marcos de Sertânia passaria a trabalhar numa linha de produção, com cerca de vinte pessoas na equipe, reproduzindo em pedaços verticais de madeiras como umburana, cedro ou louro-canela, maleáveis no trato e duráveis depois do acabamento, os traços alongados de suas figuras. Sobretudo, os cachorros-baleia. De fato, uma linha de produção: uns ajudantes

fazem só patas; outros, troncos e cabeças. Alguns, para o verniz e pintura. Ao final, o mestre coordena a montagem das peças e lhes faz os acabamentos. Seu único filho, João, vinte anos mais novo que o pai, também está na equipe de criação e montagem. “Mas só faz as coisas a pulso”, ri o pai.

Vinda de madeiras autorizadas do Norte do País, até 200 quilos de madeira chegam em toras a cada compra. Um estoque que, se bem manejado, pode durar até dois anos. Para atender ao desejo de compra de lojistas



e colecionadores do Brasil inteiro, Marcos produz cerca de 500 peças por mês.

“No artesanato, as pessoas, os artesãos gostam muito de contar suas histórias de miséria, e eu não quero contar minha miséria, quero contar como o artesanato nos deu sucesso, meu e de meus companheiros. Hoje, sou já uma pessoa diferente”.

Na cidade, há cinco outros ateliês. Todos criados e inspirados depois da consolidação de Marcos como artista. Todos, como ele, lavram conjuntos de famílias de retirantes na madeira. Todos, como ele, fazem as esculturas alongadas antes consideradas deformações. “É um tema comum”, Marcos diz, cioso de sua principal criação. “O cachorro baleia, eu não deixo fazer. Somos muito coesos. Então, quando um copia o outro, a gente sabe logo”.





Fotografia de uma praça ensolarada com a palavra “Sertânia” em letras vermelhas grandes, e uma escultura, de concreto, de uma família de retirantes em escala duas vezes maior que a real: pai, mãe grávida, filho e um cachorro, todos muito magros, caminham para a direita; à frente, o pai carrega um feche de lenha na cabeça, uma cabaça amarrada na cintura e segura uma foice; ao lado, o cachorro tem as costelas visíveis, está com a cabeça levemente abaixada; logo atrás do pai, a mãe tem uma lata d’água na cabeça e a mão esquerda sobre a barriga proeminente; ao lado dela, o menino segura o cós enrolado do calção.





No ano de 2024, Marcos de Sertânia se prepara para inaugurar a grande obra da maturidade: um grande ateliê-escola com estrutura para hospedagem para aprendizes e colecionadores.

“Tem cara que nunca ensina com medo de ser copiado e ultrapassado. Isso é uma besteira, quem tem potência não é esquecido. Eu pretendo deixar de fazer feiras e ter um lugar para receber as pessoas e vender minha arte, além de poder hospedá-las aqui também.” Perto dos 50 anos de idade, o artista se dedica a uma obra maior. No sítio anexo a sua casa, a construção de um galpão-ateliê de mais de mil metros quadrados está a plenos pulmões. Para a produção, comercialização e repasse do que ele sabe aos mais jovens.

“Enquanto alguém se emocionar vendo uma peça minha, não vou parar. E a história tem que continuar com quem vem”,

diz este sertanejo, fã de forró eletrônico e do rock clássico da banda Led Zeppelin, cujas peças, não raramente, além de Graciliano Ramos, evocam também comparações com Portinari e Modigliani.



TÍTULO *Várias mãos, uma cultura:*  
*retratos da arte popular pernambucana*  
Volume 4 – Marcos de Sertânia

IDIOMA Português

CIDADE Recife

FORMATO digital

PÁGINAS 40

EDIÇÃO 1ª

ANO DE EDIÇÃO 2024

ISBN 978-65-991530-7-5

Idealização e curadoria  
Marly Queiroz

Produção executiva  
Camila Bandeira e Júlia Almeida  
(Proa Cultural)

Textos  
Bruno Albertim

Audiodescrição  
Liliana Tavares (Com Acessibilidade)

Fotografia  
Isabela Cunha

Projeto gráfico  
Luciana Calheiros e Aurélio Velho  
(Zoludesign)

Tratamento de imagem  
Aurélio Velho (Zoludesign)

Este fascículo faz parte da coleção *Várias Mãos, uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*, foi diagramado entre outubro de 2023 e janeiro de 2024. A fonte utilizada para os títulos é a TT Travels Next, desenvolvida por Kseniya Karataeva e Yulia Gonina, distribuída pela TypeType; para os textos, utilizou-se a Tablet Gothic Wide, projetada por José Scaglione e Veronika Burian, disponibilizada pela TypeTogether.

APOIO



PRODUÇÃO EXECUTIVA



INCENTIVO



Secretaria  
de Cultura



